

## AS SALAS DE BATE-PAPO DIGITAL: O ESPAÇO DA ESCRITA (ABREVIADA) EM UM AMBIENTE MULTIMODAL

Carla Jeanny Fusca (UNESP/São José do Rio Preto – CAPES)

Fabiana Komesu ( UNESP/São José do Rio Preto)

Luciani Ester Tenani ( UNESP/São José do Rio Preto)

### APRESENTAÇÃO

Neste trabalho, apresentamos os resultados parciais de uma pesquisa sobre a atividade de escrita – abreviada – em salas de bate-papo em aberto na internet.

Inicialmente, buscamos descrever os recursos verbais e não verbais e seu funcionamento nesse ambiente digital, levando em consideração a possibilidade de emergência de um *gênero de discurso*, uma vez que salas de bate-papo em aberto apresentam conjuntos de enunciados *relativamente* estáveis que possuem *conteúdo temático, estilo e construção composicional* (BAKHTIN, 1997).

Como definiu Bakhtin (1997), os gêneros de discurso são heterogêneos e mantêm entre si uma relação dinâmica. Considerando, pois, essa sua heterogeneidade constitutiva, assumimos, como questão principal, a proposta de olhar para esse ambiente e analisá-lo em sua heterogeneidade radical, tanto do ponto de vista do ambiente quanto do da prática de escrita que nele emerge.

Dessa forma, nosso objetivo é discutir a heterogeneidade radical constitutiva do ambiente em questão, por meio da noção de *multimodalidade*, proposta por Kress e van Leeuwen (2001). Concebemos as salas de bate-papo como ambientes *multimodais* (KRESS & van LEEUWEN, 2001) por natureza, nos quais é possível observar relações intergenéricas. Essas relações são indiciadas, a nosso ver, não sob a forma de “marcas” de uma suposta interferência da fala na escrita, mas sob a forma de *ruínas do enunciado genérico* (CORRÊA, 2006).

Por fim, consideraremos alguns aspectos do processo de abreviação, amplamente utilizado em salas de bate-papo, a fim de considerá-lo como resultado de um conjunto complexo de fatores – e não apenas como o produto de uma prática caótica e assistemática, como apregoam determinados críticos dessa atividade verbal.

## 1. DESENVOLVIMENTO

### 1.1. As salas de bate-papo abertas

Para compreender e analisar os enunciados produzidos em meio digital é necessário atentar para o ambiente em que se dão as interações investigadas. Neste trabalho, privilegiaremos o estudo das salas de bate-papo abertas, nas quais discursos são veiculados por meio da escrita abreviada – principalmente – e de outros *modos semióticos*.

Nesta seção, esclareceremos em que consistem as salas de bate-papo abertas, espaço onde o *corpus* do trabalho foi coletado. Também apresentaremos a maneira como o material foi coletado e quais as hipóteses que nortearam essa coleta.

As salas de bate-papo abertas ou *chats* (o equivalente, em inglês) são páginas da internet que podem ser acessadas por quaisquer pessoas conectadas à rede mundial de computadores. Isso significa que não há necessidade da instalação de nenhum programa no computador. O bate-papo é uma opção gratuita oferecida por diversos provedores de internet – embora esse acesso gratuito seja restrito, em alguns casos, a uma quantidade limitada de usuários. Para participar de um bate-papo, basta, então, acessar, na página de um provedor de internet, a opção “bate-papo” ou *chat*.

Optamos pelas salas de bate-papo do provedor UOL (*Universo On-Line*),<sup>1</sup> um dos provedores em maior evidência no Brasil. Foram coletadas duas “conversas”, com duração de 60 (sessenta)

<sup>1</sup>Disponível em: <<http://www.uol.com.br>>. Acesso em: 09 e 11/01/2009.

minutos cada uma, que foram armazenadas em documento *WORD*, para assegurar a preservação dos dados.

No provedor selecionado, existem centenas de salas disponíveis para bate-papo. A organização dessas salas é feita de acordo com as seguintes categorias: “cidades”, “idades” e “temas”, as quais se encontram disponíveis para assinantes e não-assinantes do sistema.

Ao escolher a categoria “idades”, por exemplo, o provedor elenca os grupos disponíveis: “15 a 20 anos”, “20 a 30 anos”, “30 a 40 anos”, “40 a 50 anos” e “mais de 50 anos”. Como é possível notar, essa distinção visa à formação de diferentes grupos, separando os participantes do bate-papo de acordo com a faixa etária em que supostamente se enquadram.

Tendo em vista os grupos categorizados pelo provedor, selecionamos, para realizar a coleta, uma sala de bate-papo freqüentada por jovens que se dizem ter entre “15 e 20 anos”. O interesse pela produção textual desses jovens não é aleatório, levando-se em consideração a preocupação de integrantes de instituições como escola e família, que vêem, na atividade verbal dos jovens, o “assassinato” da Língua Portuguesa, tanto na internet quanto fora dela, na produção escrita escolar tradicional.

Para melhor compreender a escrita utilizada na internet, principalmente, em bate-papos virtuais, buscamos descrever as características mais salientes desse ambiente.

Nas salas de bate-papo abertas, o participante não necessita fornecer nenhum tipo de informação que o identifique pessoalmente. Basta que ele acesse a sala por meio de um apelido (*nickname*, ou, simplesmente, *nick*), que fica exposto para os demais participantes. Todos os apelidos são automaticamente listados pelo provedor em uma tabela. Quando um usuário entra na sala, o sistema informa sua entrada e o horário por meio de uma mensagem, na parte central da página (por exemplo, “(05:59:04) **bia** entra na sala...”). A partir da entrada, o apelido escolhido já pode ser visualizado pelos demais participantes do bate-papo em uma tabela localizada à direita da página. Ao sair da sala, os usuários são avisados por meio de uma mensagem similar à do exemplo supracitado (por exemplo, “(05:59:04) **PätricinHÄ** sai da sala...”). Após a saída, o apelido do usuário é excluído da lista de participantes do bate-papo.

A respeito de como são caracterizadas as interações nesse ambiente digital, Marcuschi (2005) destaca os seguintes traços: (i) as produções escritas se apresentam em formato de diálogo, numa sequência imediata, com retornos rápidos. Os turnos, por sua vez, não se apresentam de maneira encadeada; (ii) são produções síncronas (em tempo real), apesar de escritas e (iii) as contribuições geralmente são curtas, não ultrapassando poucas linhas (MARCUSCHI, 2005).

Essas salas de bate-papo permitem, também, como bem observa Araújo (2005), a utilização de recursos hipertextuais de som (por exemplo, por meio da opção “permitir música (midi)”) e de imagem (como é o caso dos *emoticons*), além, é claro, da escrita. A opção “permitir música (midi)” possibilita ao internauta o acesso a músicas, podendo, também, enviá-las para a sala de bate-papo (ARAÚJO, 2005). Já os *emoticons* consistem em figuras representativas da emoção humana e visam à reprodução de um contexto oral, como a conversação face a face (KOMESU, 2002). Em outras palavras, consistem em uma maneira de tentar reproduzir determinados ritos, presentes em práticas sociais orais.

A propósito, é necessário ressaltar a característica hipertextual das salas de bate-papo aqui investigadas. Concordamos com Araújo (2006), que, seguindo a proposta de Snyder (1998 *apud* ARAÚJO, 2006), considera o hipertexto como um modo próprio para a enunciação no domínio discursivo digital. É uma estrutura composta por blocos de textos conectados por *links* eletrônicos, a qual possibilita acesso a diversos tipos de informação de maneira não linear. Essa estrutura acomoda, ainda, a multisssemiose, representada por textos escritos, som, animações, vídeos e gráficos (SNYDER *apud* ARAÚJO, 2006).

As salas de bate-papo são, então, ambientes tipicamente hipertextuais, uma vez que disponibilizam ao usuário uma diversidade de *modos semióticos* por meio dos quais os discursos são articulados. Consideramos, assim, que a expressão “bate-papo virtual” ou “*chat*” já traz, implicitamente, a noção de hipertextualidade como constitutiva desse meio digital. Nesse ponto, distanciamos-nos de Araújo (2005), que propõe que os *chats* que circulam na *Web* sejam chamados de **chats hipertextuais**, “por trazerem, em sua textura, marcas indeléveis da riqueza plural da linguagem do hipertexto, de modo que os elementos sonoros, imagéticos e escritos se fundem para compor o

texto conversacional” (ARAÚJO, 2005, p. 101). Acreditamos que a nomenclatura seja redundante, uma vez que o termo *chat*, por si só, carrega a noção de hipertextualidade e de *multimodalidade*.

Com relação aos aspectos lingüísticos observados em salas de bate-papo abertas, Marcuschi argumenta que o que se tem é uma linguagem escrita não monitorada, não submetida a revisões, expurgos ou correções. A escrita dos bate-papos tende a ser, ainda, mais abreviada do que a convencional, segundo o autor. Aparecem muitas abreviaturas, sendo boa parte delas “artificial, localmente decidida” (MARCUCCHI, 2005, p.63).

Voltaremos a abordar a questão dos aspectos lingüísticos, de maneira específica, na última seção deste artigo, sob uma perspectiva distinta da que propõe Marcuschi (2005). Por ora, procuramos discutir a classificação das salas de bate-papo, segundo alguns autores, e quais as conseqüências das perspectivas assumidas. Em seguida, apresentamos uma análise preliminar do material investigado.

## 1.2. As salas de bate-papo abertas: *gênero de discurso em emergência em ambientes multimodais*

Para melhor entender as interações que ocorrem em meio digital, alguns autores propõem que as salas de bate-papo abertas sejam consideradas um *gênero de discurso* em surgimento (ARAÚJO, 2005, 2006; MARCUSCHI, 2005).

Na esteira de Bakhtin (1997), Araújo (2006) defende que gêneros são artefatos semiotizados pelos homens, que visam a organizar as diversas práticas discursivas. Para Araújo, há uma situação comunicativa na internet que as pessoas costumam reconhecer como *chat*. Dela nascem os gêneros *chats* que, ainda que apresentem funções distintas, herdaram traços que os tornam semelhantes entre si. Nesse sentido, para o lingüista, o termo *chat* engloba os diferentes tipos de bate-papo disponíveis na rede mundial de computadores, tais como o *chat* em aberto, o *chat* reservado, o *chat* privado, a aula *chat* etc.<sup>2</sup> A expressão *chat* denota, então, não um gênero, mas uma *constelação* deles.

A constelação de gêneros é definida por Araújo como um “agrupamento de situações sócio-comunicativas que se organizam por meio de pelo menos uma característica comum à *esfera de comunicação* que os congrega, partilhando do mesmo fenômeno formativo e atendendo a propósitos comunicativos distintos” (ARAÚJO, 2006, p.74). A *esfera de comunicação* responsável pela congregação dos gêneros é a internet, pois ela agrega e engendra práticas discursivas diversas. Com o surgimento da internet, novos gêneros foram criados. Como o surgimento de uma nova esfera acarreta o surgimento de novos gêneros, a internet poderia, então, segundo a tese de Araújo, ser considerada uma *esfera de comunicação humana*.

A proposta de Araújo é interessante, uma vez que dá conta de organizar a diversidade de bate-papos disponíveis na internet, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles. Concordamos com o autor, no que se refere à existência de uma situação comunicativa reconhecida como *chat* ou bate-papo no ambiente da internet. Essa situação comunicativa, por sua vez, se apresentaria sob a forma de diversos *gêneros*, no sentido bakhtiniano do termo – conjunto de enunciados *relativamente* estáveis, caracterizados por determinada *construção composicional* e por determinados *conteúdo temático* e *estilo* (BAKHTIN, 1997).

É importante esclarecer que não estamos assumindo uma posição definitiva em relação à caracterização das salas de bate-papo. O fato é que, até o presente momento, julgamos ser essa a proposta mais consistente acerca do fenômeno *chat*. Neste trabalho, portanto, as salas de bate-papo do tipo “abertas” serão consideradas como um gênero de discurso, ainda que não reconhecido institucionalmente.

Para prosseguir com a discussão, citamos Bakhtin: “Não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a conseqüente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado” (BAKHTIN, 1997, p.281). É este ponto de vista que desejamos assumir, aqui, no estudo das salas de bate-papo abertas e da prática de escrita que nelas emerge: o de uma heterogeneidade radical.

Em sua tese de doutoramento, Araújo (2006) observa semelhanças entre os bate-papos virtuais e a conversação face a face – gênero de esfera distinta da dos bate-papos. O autor reconhece que a variedade dos bate-papos eletrônicos da internet conserva “elementos imorredouros” dos gêneros orais que os geraram, pois tais gêneros parecem transmutar outros como as conversas cotidianas (coletivas

<sup>2</sup> Para outras informações a respeito de cada um dos tipos dos bate-papos citados, conferir Marcuschi (2005).

ou duais), a aula, a entrevista etc. Araújo esclarece que o termo “transmutação” foi utilizado por Bakhtin para se referir aos processos de formação de alguns gêneros. Esse fenômeno daria conta do processo dinâmico de formação dos gêneros secundários, os quais se diferenciam dos primários por meio das esferas de comunicação a que pertencem.

Como se pode notar, Araújo ressalta a existência de traços semelhantes entre dois gêneros de esferas distintas: o bate-papo digital e a conversação face a face. O que parece causar certo estranhamento é a idéia de que os gêneros orais tenham gerado alguns gêneros digitais, como o bate-papo. Talvez seja mais coerente pensar de maneira inversa, ou seja, que o bate-papo digital tenha incorporado características de alguns gêneros orais, simplesmente pelo fato de eles se constituírem em uma referência da idéia de “bater papo” ou “conversar”. É claro que a incorporação dessas características não se realizou de forma “intacta” – houve modificações, devido à própria especificidade do suporte, e, a partir dessas modificações, esses traços passaram a ser constitutivos do ambiente para o qual serviram de referência, de forma tão intrínseca que, em alguns casos, torna-se difícil delimitar características claras e exclusivas de um gênero e de outro.

Devido a esse raciocínio, discordamos da idéia de que seja possível encontrar “marcas” do diálogo remanescentes nos bate-papos digitais, como defende Araújo. Como mencionamos anteriormente, buscamos assumir a heterogeneidade radical constitutiva dos bate-papos na internet. O termo “marcas” parece pressupor que um ambiente homogêneo receberia “interferências” de elementos de outras naturezas (também homogêneas) os quais não fariam parte do ambiente analisado, por isso deixariam “marcas”.

Em detrimento da noção de “marcas”, propomos que seja adotada a noção de *ruínas*, conforme apresentada por Corrêa (2006). Assumimos, assim, a existência de *vestígios* de gêneros discursivos na composição dinâmica dos bate-papos digitais. É importante esclarecer que o termo “*ruína*” não é empregado por Corrêa em sua acepção negativa, ou seja, como sinônimo de “gêneros discursivos em estado de destruição”. Ao contrário, essas *ruínas* são, segundo o autor

partes mais ou menos informes de gêneros discursivos, que, quando presentes em outro gênero, ganham o estatuto de fontes históricas – retrospectivas ou prospectivas – da constituição de uma fala ou de uma escrita. Quando consideradas como fragmentos de *enunciados genéricos*, elas podem ser vistas, também, como o resultado de uma “regeneração”, pensada esta última como o processo pelo qual os sinais de um conjunto de saberes (...) podem assumir o papel de elementos fundadores de novos saberes”. (CORRÊA, 2006, p.209)

As relações intergenéricas constituem, portanto, os gêneros de discurso. Como são elementos constitutivos, não deixam “marcas” explícitas, bem determinadas. Cabe ao pesquisador buscar vestígios, pistas que possam indiciar a relação entre diferentes gêneros.

Essa é a perspectiva que buscamos assumir neste trabalho. Como ambiente, por natureza, heterogêneo, as salas de bate-papo abertas apresentam *ruínas* de outros gêneros discursivos, dentre eles, a conversação face a face – mas não somente. Essas *ruínas* devem ser consideradas fontes históricas, que nos permitem melhor compreender a história de formação e emergência de um dado gênero.

Ao observar elementos que aproximam o bate-papo da conversação face a face, Araújo (2005) argumenta que a relação entre esses gêneros se dá, principalmente, pelas diferentes semioses que o bate-papo digital articula, além da escrita. Som, imagem e escrita, segundo o autor, não competem entre si no interior do gênero em questão, mas co-existem, harmonicamente, na tela do computador, suporte do hipertexto.

De nosso ponto de vista, não acreditamos que seja possível afirmar a existência de uma relação harmônica entre os diferentes *modos semióticos* articulados nas salas de bate-papo. A propósito, consideramos *modos* como recursos materiais utilizados de maneiras reconhecidamente estáveis como meio de articulação de discursos (KRESS & van LEEUWEN, 2001).

Em salas de bate-papo abertas, observamos, sim, a possibilidade de articular discursos por meio de diferentes *modos*. Esses ambientes disponibilizam recursos sonoros e imagéticos, além do espaço dedicado à enunciação escrita. Nesse sentido, podemos dizer que os bate-papos digitais são

ambiente *multimodais*. A multimodalidade consiste no uso de diversos *modos* semióticos em um dado evento semiótico (KRESS & van LEEUWEN, 2001).

É importante ressaltar que, em sua tese de doutoramento, Araújo (2006) observa o fato de que reduzir a imagem e o som ao *status* de arte gráfica empobrece a compreensão do ambiente digital sob investigação. Tais semioses não consistem apenas em instrumentos ornamentais, pelo contrário, são elementos de articulação de discursos. Concordamos com o autor, quando ele afirma que durante muito tempo a escrita reinou soberana quando se tratava de articular discursos. Com o surgimento da tecnologia digital, a eficácia dos demais *modos* (som, imagem, cor, distribuição de objetos etc.) na produção do sentido foi reconhecida, deixando de ser considerada apenas como uma questão estética, ornamental, acessória.

O que queremos destacar, neste ponto, é que nem todos os *modos* são capazes de articular, com a mesma eficácia, quaisquer discursos (KRESS & van LEEUWEN, 2001). A eleição de um em detrimento de outros é feita levando-se em consideração o *discurso que se quer articular, para quem, em que situação, em que momento histórico-social*, enfim, é preciso considerar diversos aspectos no que se refere ao contexto de veiculação dos enunciados.

Nesse sentido, parece não haver convivência harmônica dos *modos semióticos* disponíveis em salas de bate-papo abertas. Pelo contrário, até o momento, o que existe, de fato, é a predominância do *modo* escrito, em detrimento dos demais. Marcuschi (2005) detectou essa característica ao observar que um dos aspectos essenciais da mídia digital é a centralidade da escrita, pois essa tecnologia depende fortemente desse *modo*. Essa observação nos leva a concluir que, em salas de bate-papo abertas, a escrita foi o *modo* eleito como o mais eficaz na articulação dos discursos ali produzidos. O que não significa que o uso do som e da imagem não ocorra nem seja importante na constituição desse ambiente – ele apenas não é o privilegiado pelos internautas.

Mas um ambiente caracterizado e reconhecido por suas especificidades não poderia eleger como seu *modo* de realização principal um tipo de escrita alheio às condições de produção dos discursos veiculados. Emerge, então, uma prática de escrita que aparentemente desconsidera qualquer regra ortográfica e gramatical prevista por gramáticas da língua. Percebemos a emergência de uma prática de escrita condicionada pelo suporte digital, pela relação estabelecida entre os participantes do bate-papo, por meio desse suporte, e por alguns dispositivos que caracterizam esse ambiente.

### 1.3. A escrita (abreviada) em salas de bate-papo abertas

Nesta seção, buscaremos analisar como as características das salas de bate-papo abertas, bem como os recursos por elas disponibilizados, podem condicionar a prática de escrita – abreviada – desenvolvida nesse ambiente.

Vale retomar, aqui, que a escrita é tida como o *modo* eleito pelos internautas como o mais eficaz na articulação de discursos no interior do ambiente digital em análise. Isso porque, apesar da possibilidade de utilização de outros *modos* (como o sonoro e o imagético), verificamos a predominância da escrita, em detrimento das demais opções. É fato incontestável, segundo Marcuschi (2005), que a internet e muitos dos gêneros a ela ligados são eventos textuais baseados na escrita. Na internet, portanto, a escrita parece continuar essencial, apesar da integração de imagens e de som e de outras semioses.

O que se nota é que a escrita, para articular discursos nesse ambiente, sofre algumas modificações, quando comparada com o que se considera a variedade escrita padrão ou “cult”. Marcuschi (2005) pondera que, no que se refere aos aspectos lingüísticos, a liberdade é de tal ordem que ainda não se tem uma visão aproximada do fenômeno. A escrita nos gêneros digitais se dá numa certa combinação com a fala, manifestando um *hibridismo* ainda não bem conhecido e, muitas vezes, mal compreendido.

Para Araújo (2006), as decisões lingüísticas nas salas de bate-papo abertas são marcadas por uma escrita abreviada, a qual resulta da rapidez e da agilidade exigidas no ambiente em questão. Essa escrita abreviada também representaria uma das “marcas” da transmutação da interação presencial para a esfera digital.

Mais uma vez, propomos a assunção da heterogeneidade radical. Não apenas o ambiente onde essa escrita emerge é heterogêneo e *multimodal*, mas a própria escrita, entendida, aqui, como um *processo*. De nossa perspectiva, o processo de abreviação na internet deve ser compreendido em sua

complexidade, não apenas como resultado da exigência de velocidade, imposta pelo meio, mas, também, como consequência do tipo de relação estabelecida entre os enunciadores, das características do ambiente e dos enunciados nele produzidos.

Mais do que um hibridismo, vislumbramos na prática de escrita em bate-papos o que Corrêa (2004) denominou como *modo heterogêneo de constituição da escrita*. Segundo o autor, toda escrita consiste em um *processo* no qual o escrevente lida com informações de diversas naturezas para produzir a (sua) escrita. Devido à diversidade da natureza dessas informações, o processo de escritura não pode ser considerado homogêneo, nem, simplesmente, híbrido.

A escrita digital consiste em um lugar privilegiado para observar a *heterogeneidade* como propriedade constitutiva *da* escrita, e não *na* escrita (como se fosse uma característica pontual e acessória que *nela* se manifestaria). O que os pesquisadores tentam definir como certa “combinação entre fala e escrita”, na escrita digital, nada mais é do que indício da *heterogeneidade da escrita*. Para melhor compreender a proposta de Corrêa (2006), elaboramos o seguinte esquema representativo:

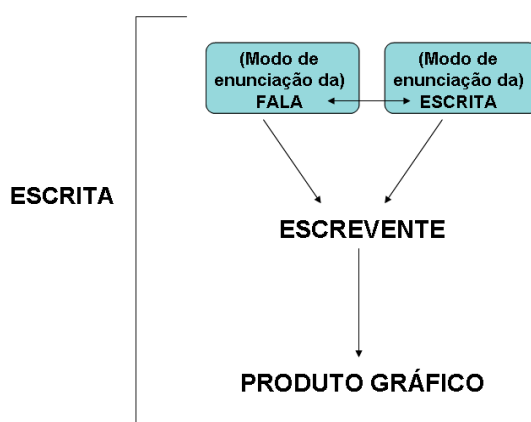


Figura 1. Esquema representativo do *modo heterogêneo de constituição da escrita*.

Como demonstra a figura acima, a escrita consiste em um amplo processo, no qual o escrevente opera com seu imaginário acerca das práticas faladas e escritas. Esses imaginários são constituídos por suas representações acerca de que aspectos lingüísticos fariam parte do modo de enunciação falado e quais pertenceriam ao modo de enunciação escrito (ambos representados pelos dois quadrados azuis). Durante o processo de escrita, o escrevente oscila por esse seu imaginário acerca de fala e escrita, conforme demonstra a seta entre os dois quadrados. O resultado dessa oscilação, ou melhor, dessa *circulação dialógica* (CORRÊA, 2006), pode ser vislumbrado por meio do *produto* gráfico, resultado final (ainda que sempre provisório) do processo. Ocorre que muitos pesquisadores – e professores de Língua Portuguesa – restringem a escrita a esse produto e à verificação de sua correção ou incorreção. O produto gráfico é importante, sim, mas somente enquanto *indício*, vestígio, pista que pode levar às hipóteses utilizadas pelo escrevente no processo de escritura. A elaboração de hipóteses acerca dos conhecimentos mobilizados pelo escrevente para construir a (sua) escrita parece ser mais reveladora do que a simples verificação da (in)correção ortográfica do produto.

Essa é a concepção de escrita assumida em nossos trabalhos. O que comumente se considera como “marcas” da oralidade na escrita – principalmente quando o assunto é a escrita digital – é aqui tomado como “indícios” da heterogeneidade da escrita, tal como defendida por Corrêa (2006). A concepção de heterogeneidade da escrita é tida como fundamental no âmbito dos estudos da escrita na internet. Acreditamos que a heterogeneidade e a especificidade do ambiente digital condicionam a linguagem nos bate-papos.

Como mencionamos, em salas de bate-papo abertas não há necessidade de o usuário fornecer nenhum tipo de informação que o identifique pessoalmente, como nome verdadeiro, endereço de *e-mail* etc. Esse recurso garante o anonimato dos participantes do bate-papo e é significativo no que se

refere ao conteúdo temático dos enunciados que ali emergem. A escolha de apelidos (*nicknames*) ganha, então, importância, uma vez que é por meio deles que os demais participantes do bate-papo se identificarão ou não com outros internautas. Um exemplo:

(06:07:19) **GATO CAM 16** entra na sala...

Observamos que grande parte dos internautas procura fornecer, já por meio do apelido, maior quantidade de informação para os demais participantes do bate-papo. É o caso do usuário citado no exemplo acima. Já por meio da escolha de seu apelido é possível realizar uma série de previsões acerca dos enunciados que possivelmente serão produzidos em uma interação com esse usuário. Podemos, primeiramente, deduzir que se trata de um participante, do sexo masculino, que se considera bonito, atraente (“gato”). “CAM” consiste em uma abreviatura para o substantivo “câmera”, fato que indica que o usuário possui uma *webcam*, aparato que permite que seu interlocutor visualize imagens do outro lado da tela. O fato de esse usuário possuir uma câmera é significativo, uma vez que, ao dispor (e “dizer” que dispõe) desse aparelho, pode atrair mais participantes interessados em “conversar”. Por fim, o número 16 indica a idade do usuário, o que também já promove a identificação ou repulsa dos demais participantes do bate-papo.

Por meio do apelido, é possível, então, fazer algumas previsões acerca dos interesses do participante. No exemplo citado, é provável que o usuário queira interagir com alguém do sexo oposto, com idade semelhante e que também disponha de uma câmera. Nesse sentido, os enunciados produzidos durante a interação girariam em torno de temas como local de onde se “fala”, tipo físico, interesses etc.

Se é possível fazer projeções, por meio da análise dos apelidos, acerca do conteúdo temático dos enunciados produzidos por um dado participante, não é necessário “dizer” tudo. Mesmo quando o apelido não permite que se façam essas projeções, o que se nota em salas de bate-papo abertas é que o conteúdo temático dos enunciados dificilmente varia. As “conversações” raramente ultrapassam os limites da apresentação de dados superficiais sobre os parceiros (idade, tipo físico, endereço físico e eletrônico, grau de escolaridade, interesses pessoais etc.).

Devido a essa característica, não é difícil saber o “rumo” da interação antes mesmo que ela se inicie, principalmente quando o usuário tem o hábito de frequentar salas de bate-papo desse tipo. Sendo assim, muitas coisas podem ser omitidas, sem prejuízo de sentido. A omissão de grafemas é uma das consequências da constante regularidade do conteúdo temático dos enunciados em questão.

Outra característica marcante das salas de bate-papo é a relevância do tempo, que pode ser notada pela recorrência dos números apresentados à esquerda de todos os enunciados produzidos no bate-papo, inclusive naqueles gerados automaticamente pelo provedor – como é o caso dos enunciados que informam as entradas e saídas dos participantes. Prova de como é importante que as intervenções sejam rápidas é a ansiedade por respostas, manifestada por alguns usuários:

(06:06:26) **GATINHO** fala para **princinha**: eh de onde?

(...)

(06:07:21) **GATINHO** fala para **princinha**: ta aii??? na qer mais tc?

Como demonstra o exemplo acima, “GATINHO” faz uma pergunta para “**princinha**” e, em menos de um minuto, dada a falta de resposta, cobra uma posição de sua interlocutora (“está aí? Não quer mais teclar?”). Por meio dessa cobrança, observamos a dimensão que ganham os segundos em salas de bate-papo.

Consideramos, assim, que o tempo seja outro fator que corrobora a emergência de abreviaturas. É preciso ser veloz para garantir que o interlocutor eleito não saia da sala antes que a interação seja concluída.

Mas, a nosso ver, o fator que mais determina o uso constante das abreviaturas é o tipo de relação estabelecida por meio do suporte. Marcuschi (2005) observa que a tecnologia do computador, em especial, com o surgimento da internet, fez emergir uma grande rede social (virtual) que liga diversos indivíduos por meio de diferentes maneiras, numa velocidade espantosa e, em muitos casos, numa relação síncrona (em tempo real), o que promove uma nova noção de interação social. Sob essa



perspectiva, as novas tecnologias não podem ser consideradas como anti-sociais, porque contribuem para o surgimento de verdadeiras redes de interesses. Surgem, assim, “comunidades virtuais”, no interior das quais os membros interagem de forma rápida e eficaz (MARCUSCHI, 2005, p.20).

É interessante ressaltar o termo utilizado por Marcuschi para se referir aos grupos formados em ambiente digital: “comunidades”. De uma perspectiva dos estudos sociológicos, Bauman (2003) esclarece que a palavra “comunidade” é capaz de transmitir uma sensação boa: é bom “pertencer a uma comunidade”, “estar em comunidade”. O que essa palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes (BAUMAN, 2003). O curioso é que, nos dias atuais, a vida em comunidade tem sido vivida através do computador, por meio de programas digitais, como as salas de bate-papo abertas.

Seguindo esse raciocínio, o que caracteriza a vida em comunidades digitais é o tipo de relação estabelecida entre os parceiros. A interação é sempre mediada pelo computador, o que provoca o distanciamento físico entre os interlocutores. Ainda que distantes fisicamente, na maioria das vezes, os interlocutores interagem em tempo real, de maneira rápida. Para assegurar a participação do interlocutor na “conversa” e para criar uma atmosfera de “intimidade”, proximidade e união, os participantes do bate-papo tendem a abreviar. Abreviando(-se), economizam tempo de digitação, garantem a participação do “outro” na interação e impedem que os mesmos enunciados, regularmente repetidos, tornem-se sinônimo de redundância e razão de distanciamento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita – abreviada – que emerge em salas de bate-papo na internet é o resultado de um complexo conjunto de fatores. Como foi observado, as salas de bate-papo são ambientes *multimodais* nos quais o usuário seleciona o *modo semiótico* que considera mais eficaz para articular discursos.

Consideramos, neste trabalho, as salas de bate-papo abertas como um *gênero de discurso* em surgimento, uma vez que apresentam enunciados *relativamente* estáveis, constituídos por *construção composicional, estilo e conteúdo temático* (BAKHTIN, 1997). Nesse *gênero de discurso* em emergência, é possível observar a recorrência de enunciados que são facilmente reconhecidos como pertencentes à esfera digital, mesmo quando circulam fora dela. Um exemplo: um enunciado como *KD VC?* (“cadê você?”) é comumente associado àqueles produzidos em bate-papos da internet ou em mensagens enviadas por meio de um celular. Essa associação ocorre porque o enunciado em questão está, relativamente, estabilizado em determinados gêneros do discurso que compartilham, pelo menos, uma característica: o tipo de relação estabelecida entre escrevente e leitor. Tanto em salas de bate-papo abertas quanto em mensagens SMS (*Short Messages Service*) – serviço oferecido pelas operadoras de celulares – a relação entre os interlocutores se caracteriza pelo distanciamento físico. A abreviação de palavras parece reduzir a distância física que separa os usuários desses serviços, contribuindo para o desenvolvimento de interações informais, familiares. *Abreviar é, também, reduzir distâncias, além de palavras.*

No que se refere às particularidades do conteúdo temático dos enunciados produzidos na internet, observamos que é necessário que a escrita seja desenvolvida de maneira distinta daquela apreendida em gramáticas e manuais de redação. As interações, normalmente, giram em torno de questões superficiais, como nome, idade do participante, local de onde se “fala”, características físicas etc. Esses temas de conversação repetem-se insistentemente e, quando esgotados, é comum que ocorra a troca de interlocutor, para que se inicie uma nova “conversa” com os mesmos assuntos. O processo de abreviação, nesse sentido, emerge como uma necessidade de modificar o já-dito, repetido constantemente, para que ele não se torne excessivo e desgastante.

Além do conteúdo temático, a agilidade exigida nas interações em salas de bate-papo corrobora a emergência de abreviaturas. Mas a velocidade não é o único fator determinante. Como mencionado, o tipo de relação estabelecida por meio da internet – e de telefones celulares – condiciona a prática de escrita abreviada. Escrevente e leitor interagem em tempo real, mas não dividem o mesmo espaço físico, uma vez que se encontram separados pela tela do computador – ou pelo visor do celular. A escrita – abreviada – parece, então, ser uma maneira de encurtar a distância física que separa os parceiros da comunicação, contribuindo para a criação de uma atmosfera informal, próxima e familiar.



Dessa forma, a constante repetição de já-ditos, a agilidade exigida em interações digitais e o distanciamento físico entre os parceiros da comunicação são alguns dos fatores que, em conjunto, fazem com que a prática de escrita na internet se desenvolva tal como é: abreviada. É importante esclarecer, por fim, que o processo de abreviação não é caótico nem assistemático, como sugerem os críticos dessa prática de escrita. Ele é constituído por regularidades lingüísticas, que permitem a compreensão entre os participantes do bate-papo.<sup>3</sup>

O estudo a respeito da prática de escrita na internet pode contribuir para que se evitem os preconceitos comuns com que são tomados os enunciados digitais. Acreditamos que estas reflexões possam oferecer contribuições às discussões a respeito do tema na área das Ciências da Linguagem, da Educação, da Comunicação etc.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, J. C. A conversa na *web*: o estudo da transmutação em um gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.) *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- ARAÚJO, J. C. *Os chats*: uma constelação de gêneros na internet. 2006. Tese (Doutorado) em Lingüística. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza (CE): /s.n./, 2006. Orientador: Bernardete Biasi-Rodrigues.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAUMAN, Z. *Comunidade*: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos. *Trabalhos de Lingüística Aplicada*, Campinas, 45(2):205-224, Jul./Dez. 2006.
- FUSCA, C. J. O processo de abreviação em salas de bate-papo: regularidades e fatores que condicionam seu uso. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/eventos/simelp/new/pdf/post/02.pdf>, 2007. Acesso em jan. de 2009.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.) *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- KOMESU, F.C. A modalidade escrita nas páginas eletrônicas pessoais da internet: o uso de *emoticons* e de 'risadinhas'. In: *Sínteses* – revista dos cursos de pós-graduação. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002.
- KRESS, G. & VAN LEEUWEN, T. *Multimodal discourse*: the modes and media of contemporary communication. London: Arnold, 2001.

<sup>3</sup> A esse respeito, cf. FUSCA (2007).